

## DE REPENTE, UMA CÂMERA... ISTO É UMA ESCOLA?

### RETRATOS DESFOCADOS

*Kethylin Viotto Recco*<sup>1</sup>

*Rafael Nascimento*<sup>2</sup>

*Felipe Joaquim*<sup>3</sup>

*Jonathan Taveira Braga*<sup>4</sup>

UNESP – Univ. Estadual Paulista (*Campus* de Rio Claro)

#### RESUMO

Este trabalho consiste numa produção audiovisual construída a partir de algumas vivências numa escola municipal de Rio Claro-SP, onde nos dispusemos a compor um retrato do ambiente escolar mediante histórias capturadas por uma filmadora e dois gravadores de áudio. Tais narrativas foram produzidas através de diálogos, sem roteiro prévio, com as pessoas que compartilham do lugar (alunos, funcionários e comunidade) durante os turnos normais de trabalho e aula. Inspirados pela leitura dos textos *Isto não é um cachimbo* e *A ordem do discurso*, de Michel Foucault (2004; 1999), nos propusemos a um exercício de escuta: o que a escola fala? Como fala? Para quem fala? *De repente, uma câmera... isto é uma escola?* tece um retalho de imagens e vozes que costuram espaços e acontecimentos outros; não caracterizando a escola, sede do trabalho, em suas especificidades e tampouco distinguindo-a de outros estabelecimentos de ensino. A proposição busca a experimentação de contextos educativos em que um dispositivo – nesse caso, máquinas de gravar e filmar – possibilita acionar formas de leituras do entorno, produzir palavras, configurar discursos, mundos. Nessa perspectiva, o vídeo aborda de forma poética movimentos e pausas que ora desconstroem o que é retratado, e ora figuram objetos e cenas que contam as relações ali constituídas (possíveis, reais, imaginárias). Acontecimentos que nos possibilitam inventar “sentidos-leituras” para espaços-tempos escolares. Uma bricolagem de formas narrativas: visuais e auditivas. Ficção composta por relatos que se querem verdadeiros e reais. Este exercício de escuta, enfim, investiga as práticas educativas como lugares onde se produzam, se interpretam e se mediam histórias (LARROSA, 2005).

**PALAVRAS-CHAVE:** experiência; narrativa; escola; imagem.

**FICHA TÉCNICA: Concepção, produção e montagem:** Quarteto Foucástico (grupo de leitura, experimentações, devaneios e maltrapilhagens); **Duração:** 5min e 15s; **Ano:** 2012; **Gênero:** Documentário ficcional.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista – UNESP – *Campus* de Rio Claro-SP. E-mail: viottorecco@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Graduado em Biologia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – *Campus* de Rio Claro-SP. E-mail: rakanascimento@gmail.com

<sup>3</sup> Mestrando em Educação do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista – UNESP – *Campus* de Rio Claro-SP. E-mail: fjfelipe1982@gmail.com

<sup>4</sup> Mestrando em Educação do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista – UNESP – *Campus* de Rio Claro-SP. E-mail: jonathan\_ilustras@yahoo.com.br

Gritos de diferentes entonações: ora sussurrados, silenciosos; ora num timbre ensurdecedor, hilariantes. São “ruídos-tons” o que fomos buscar numa escola? Afinal, o que fomos buscar numa escola?

Uma vivência, sem roteiro prévio, para construir juntos um retrato que fala. Para isso, fomos guiados pela presença de uma filmadora e dois gravadores de áudio. Sem a presença desses dispositivos, talvez não soubéssemos o que fazer no local. Pois a intenção inicial não era falar, mas simplesmente ouvir. Para além, também não era simplesmente ouvir, mas captar aquilo que acontece, e só poderia acontecer, quando presentes corpos-máquinas de gravação. O desafio, portanto, era constituir-se como um corpo-máquina que grava aquilo que imprevisivelmente acontece. Éramos corpos distintos do ambiente. E portávamos outros corpos também estrangeiros.

Inicialmente, deparamo-nos com a dificuldade inerente ao corpo que pretende se apropriar das condições alheias: o pesquisador. Esse olhar de fora que se instaura num determinado local a fim de coletar dados para a representação de uma realidade que muitas vezes não participa (no caso específico, somente um integrante do grupo era participante efetivo desse ambiente escolar, no qual lecionava em período noturno). Entretanto, não pretendíamos a lógica científica de apropriação de dados. Ingenuamente, tínhamos a pretensão de produzir um relato fictício desse lugar já tão impregnado de discursos prontos e que se querem fiéis. Apetecia-nos a possibilidade de escapar de uma ordem que opere pela verossimilhança, pela construção de critérios legitimados, pela fabricação de sentidos instituídos e institucionalizados.

Contudo, não podíamos nos livrar da lógica enraizada nesse laboratório de discursos que chamamos escola. O corpo de funcionários que a compõe transparecia uma insegurança em relação ao olhar pretensioso e avaliador do pesquisador. Muitas vezes esses sujeitos vêm até a escola, coletam, avaliam e nunca mais retornam – foi a síntese de um funcionário. Inevitavelmente trazíamos conosco esse peso de uma instituição de pesquisa acadêmica, alheia e invasiva aos fatos. Isso demandou o esforço de tentarmos proporcionar um ambiente de confiança, segurança, acolhimento. E como proporcionar isso? Como coletar narrativas amenizando o caráter invasivo, averiguando disposição e possibilitando uma condução que não paralisasse a produção de palavras e imagens? E como explicar aos possíveis participantes-narradores que não estávamos ali para cumprir objetivos científicos, mas tentando praticar outras linguagens? Tais questões nos encaminharam para reflexões éticas em torno de nossa presença nesse ambiente. Éramos corpos-máquinas, inseridos num contexto impregnado de suspeitas, tentando cartografar subjetividades sem desconsiderar o nosso

próprio processo de subjetivação. Uma dedicação que não poderia ausentar a ação da metalinguagem.

Assim como havia a suspeita, havia também uma espécie de deslumbramento perante tais corpos-máquinas. Traziam uma novidade, outra possibilidade de olhar o que era familiar: um entorno reconstruído pelo dispositivo imagem e a necessidade de falar sobre algo pela presença de um gravador de voz. Possíveis imagens que instigavam euforias outras em relação ao cotidiano escolar, como também, palavras que descreviam acontecimentos extramuros da instituição. O ambiente de imersão, no qual estávamos inseridos, fora atravessado por um misto de fascínio e suspeita que não nos poupou da vertigem da deriva: o que estávamos fazendo ali e o que faríamos depois com aquilo que fizemos ali? Fomos também atravessados pelo fascínio e pela suspeita.

À medida que avançávamos com essa proposta imprevisível e isenta de prescrições, formulamos modos de ação e averiguamos potencialidades naquilo que víamos e ouvíamos. Tal exercício de escuta foi se configurando a partir das seguintes provocações: o que pode e o que não pode na escola? Quais lugares e momentos você mais gosta na escola? O que “dizem” os objetos desse lugar? O ambiente escolar também pode gritar?

O texto que ora nos propomos a construir diz respeito a um outro retrato, diferente da linguagem do vídeo, nosso objetivo primeiro para a narração dessa experiência (resultado este, cabe ressaltar, a única certeza que tínhamos quando nos dispusemos a vivenciar esse ambiente escolar). Na tentativa de escapar da mera ilustração do vídeo produzido, pretendemos com o presente texto conversar com as imagens e sons editados, buscando compor um outro ambiente, o qual se distingue tanto do local escolar específico, quanto do vídeo propriamente dito. Outras imagens para além das utilizadas na edição do vídeo também foram invocadas, acompanhando, ao longo do texto, algumas palavras que singularizam as relações estabelecidas com o projeto como um todo e contaminam as distintas linguagens praticadas. Uma conversa entre linguagens vista como um “roteiro” ao inverso: itinerário que não conduz, mas possibilita novos olhares para trajetos já percorridos.

Se, em um primeiro momento, os dispositivos de gravação possibilitaram fazer falar uma escola, aqui, no presente texto, nos perguntamos: o que faz falar as diversas imagens e sons capturados durante a referida experiência?<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Os textos produzidos que se seguem são cenas possíveis de um filme por se fazer. Possuem tanto um único autor, quanto, por simpatia dos afetos, foram produzidos a dois ou mais olhares. Apesar da sugestão de sequência, podem ser vistos/ouvidos em diferentes ordens.

## Não-horizonte de uma paisagem...



O relógio aponta onze horas, cinquenta e quatro minutos e trinta segundos. Ocupa a posição central do quadro. De azul intenso, circundado por um contínuo luminoso, logo passa a impressão de que bem poderia ser modelo para aquela conhecida esfera azul, solta no universo... Esta, porém, é transpassada em seu interior por uma linha. Será este fio o condutor pelo qual a esfera desliza? O momento está bem determinado. Graças ao prendedor vigor vermelho-verde, verde-vermelho – além do preciso instante do relógio – o fio suporta, deixa entrever, outros elementos: folhas de fundo branco, parcialmente preenchidas. À direita do relógio, uma mulher de longos cabelos esvoaçantes nos encara. Talvez não esteja interessada no mostruário da loja ao lado, uma vez que as roupas ali comercializadas são de tamanhos ligeiramente maiores que os seus. A árvore repleta de frutos e o sol entremeado por nuvens atestam que provavelmente estamos no verão. No extremo inferior direito, um herói justiceiro salta da tela de um computador, mas a imagem é cortada e sobram-nos apenas indicações. À esquerda do relógio, traços curvilíneos demarcam letras volumosas, e o resultado é uma mensagem vistosa, um apelo: CRIE UMA CENA. Impelido pelo colorido criar, é chegado o momento de inclinar-se ao encarecido desejo: continuar a reinvenção do cotidiano. Resplender-se-á o marinho azul celeste? Aquele do não-horizonte permeado por abóbada e oceano? Quem sabe... Talvez com a mistura destes outros dois azuis – da esfera e da cena...



## Acervo de ritmos...<sup>6</sup>

Quantos relógios nas paredes! De cores, formas e tempos distintos... Por quê, para quê? Dispostos numa altura somente alcançável pelos adultos: adultos-gigantes. Um gigante controle paira sob o ritmo cotidiano. Nem “o tudo” e nem “o nada” podem-se fazer... Tempo com espaços limitados para as descobertas, rupturas, barulhos, brincadeiras, diálogos. Ponteiros que ditam um silêncio imperante, imobilizam... Mas, *o que as horas guardam nos espaços do contratempo?*



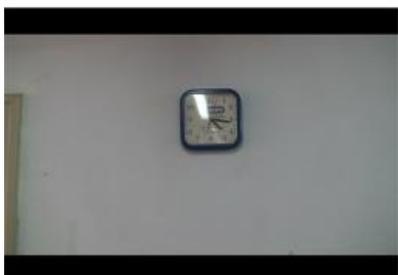
Arritmias são fantasmas que rondam os assoalhos de madeira. Aprende-se também enquanto se movimenta, tropeça, pula, corre, arrasta-se, grita, esconde-se, cospe, morde... Quando, após a conclusão de um entre vários relógios, o turno chega ao seu fim e as crianças saem da escola com as roupas sujas, encardidas, molhadas, rasgadas e fedorentas... Aí também, aprendem. Porém, no alto, sempre reina um relógio.



*Conforto alucinante, tranquilidade na clareira do caos...* Os relógios imperam, marcam e demarcam a todo instante o ritmo cadenciado da lógica dos gigantes: conforto para um caos iminente. Regulam a capacidade de autocontrole, inescapavelmente, de todos. Atividades são interrompidas e reiniciadas pela imposição dos limites dos relógios. Através deles sente-se fome, fadiga, saudades... Momentos que acompanham regras: há hora para tudo (mas, lembrando, nem “o tudo” e nem “o nada” podem-se fazer).



Entretanto, há também alguns tempos muito singulares que não preenchem os ponteiros desses relógios. Um ponteiro que inesperadamente roda *mais rápido no*



<sup>6</sup> Em itálico, trechos da música *Meu Mundo Dança* de Otto, com participação de Lirinha. In: OTTO. **Certa Manhã Acordei de Sonhos Intranquilos** (CD). Distribuidora: Rob Digital, Brasil, 2009. Faixa 4 (3 min 33s).

*mesmo relógio de ontem.* Ou outro que nem roda mais, resolveu parar o/no tempo, marcando algo diferente daquilo que discorre no momento presente.

Tal acervo de tempos instiga um desejo estranho de querer rebobiná-los, a fim de ouvir histórias de antigamente, impregnadas nesses relógios “parados” nas paredes. São também objetos-desejos...

*O desejo é um tempo parado  
É quando se trocam as datas dos bichos e das flores  
É quando aumenta a rachadura da velha parede  
É quando se vira a folha, a folha da história  
É quando se pinta um fio branco na cabeleira preta  
É quando se endurece o rastro de sorriso  
No canto dos olhos  
(...)  
Vontade de abraçar o infinito*

Os relógios-desejos conduzem outras vontades que atravessam os tempos. Estão fora, além de um tempo linear e único. Tais relógios marcam os instantes necessários para que cada um dos seus submetidos realizem as vontades próprias. Operam pela lógica do dissenso. Afinal, em qual parede da escola se sustentam relógios tão complexos? Há paredes tão firmes a ponto de ostentar tal maquinaria?

O arsenal de relógios que compõem praticamente todos os ambientes da escola teria a mera função de objetos decorativos, caso não forçassem uma homogeneidade de condutas. Resumidos a essa função de adorno, poderiam identificar, por si só, os ambientes: esta é a sala do relógio vermelho; esta outra, a do azul-redondo; aquela, a do pendular-romano – nomeariam, talvez. Porém, programados para amenizar as diferenças, suas características próprias – seus contornos, materiais, cores, apesar de diferentes entre si – são absorvidas pela necessidade de sincronia a um tempo que se quer uno. Por mais impossível que tal obsessão pareça, pois cada relógio,





mesmo atualizado constantemente, carrega a possibilidade de ter uma pilha fraca, uma engrenagem enferrujada ou um acúmulo de poeira que retarda suas objeções.

Objetos onipresentes nesse ambiente escolar também para lembrar a finitude dos acontecimentos rotineiros. Objetos que marcam e demarcam ritmos em períodos de horas, minutos e semanas, sempre recomeçando... Ritmos que se transformam em algo natural e banal... In(corpo)rado por crianças e gigantes...

Essa coleção de relógios, estranha necessidade humana de limite e controle...

Mas, são também relógios-partituras que proliferam e propagam um som tradicional e pesado de afazeres e partilhas por todos e todas que lá habitam, temporariamente...

Será por isso que quando bate/soa o sinal de saída/fim dessa canção, os participantes dessa melodia sorriem e correm alegremente para fora desse recinto? Será que tal alegria explica-se pela existência de outros lugares mais interessantes, nos quais irão desfrutar outras lógicas de tempo? Outros sons e ritmos que cadenciam movimentos não metódicos? Será que os gigantes e as crianças podem, enfim, dançar livremente sobre os seus relógios-desejos? Será que tal euforia move-se pela vontade de abraçar o infinito?

O sinal emitido, no entanto, possibilita um breve suspiro... Suspensão de um momento que em algumas horas irá se repetir. Brigamos *com* e brincamos *sobre* múltiplos relógios de única função... Estranha função.

### **“Diferença” na sutilidade dos fatos corriqueiros...**

Numa sala de aula silenciosa e vazia... Carteiras enfileiradas uma atrás da outra em muitas fileiras separadas por pequenos vãos nas laterais... Espaço arrumado e limpo, preparado para receber os estudantes que logo virão... É nesse território que se





destoa uma mancha diferente entre uma massa uniforme, contínua e homogênea. Porém, uma é diferente! Uma, e apenas uma, apresenta outra tonalidade que a distingue das outras carteiras... Um alheio imerso no grupo: destoa ou se agrega? Uma união factível ou impossível? Somente quando as crianças chegarem é que poderemos detectar ou

mobilizar esse questionamento...

### **Vida de alguns personagens vista pela perspectiva do refeitório escolar...**

Meio-dia. Uma escola em aparente silêncio. As salas estão vazias. Descendo em direção ao pátio percebem-se alguns utensílios culinários e um modo próprio de secá-los ao sol. Ouvem-se alguns rumores, uma certa movimentação no ambiente ao fundo. Trata-se de uma cozinha. A refeição realizada no refeitório ao lado conduz a perceber e a descobrir um pouco da vida diária daqueles que trabalham nesse local. Estalos de óleo fritando ovos, o tinir dos talheres em confronto com o prato, um ou outro diálogo espaçado pelos mastigares. Podemos considerar essas imagens como uma “amostra” pincelada de uma cena cotidiana?



### **Ausência que se torna presença...**

As pessoas ficam impregnadas nos espaços-tempo? Os objetos nos dizem algo?

Carteiras, paredes, bancos, escadas, corredores... Estão carregados das pessoas que lá se

encontravam. Lembranças daqueles que lá viveram... Histórias não ditas e escritas, mas muito vivas na mente dos personagens que compuseram esses enredos... Momentos-acontecimentos que não se dissipam facilmente, que ascendem a cada momento que se olha para esses lugares e objetos... Os lugares e objetos permanecem inertes, mas as pessoas se deslocam em idas e vindas a esses lugares, os quais remetem a muitas reminiscências subjetivas e diferentes para cada um... Mesmo que se passe vinte anos nos lembramos dessas histórias impressas nesses lugares e objetos... Voltar aos lugares e rever os objetos de uma sala de aula vazia... Sentir a presença daquelas pessoas que estão ausentes naquele momento... A ausência de um lugar e de objetos que

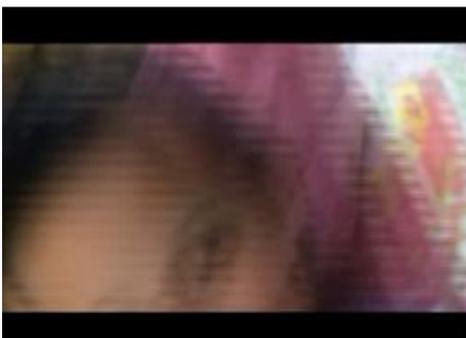


estão presentes em memórias... A gente marca os lugares e os objetos? A concretude dos espaços e dos tempos? Concretude do vazio? Ilusões de óptica? Alusões de sentidos? Profusões de percepções? Fusão e ebulição de sensações?



### **Reflexos para além do espelho...**

Duas cadeiras e uma mesa tipicamente escolares. Ninguém as habita. Por um instante essa imagem toca e faz recordar a existência do vazio; talvez porque desvia o olhar da certeza de quem deveria ocupar esse cenário. Ao perceber esse vazio, o espectador pode se colocar em movimento, aceitando o convite da imagem e sentar-se em uma das cadeiras.



O tempo foi suspenso e o espectador está agora à mercê da foto-acontecimento. Como ele preencherá esse vazio? O que virá das suas andanças? Momentos escolares da escrita, da leitura, da solidão, da

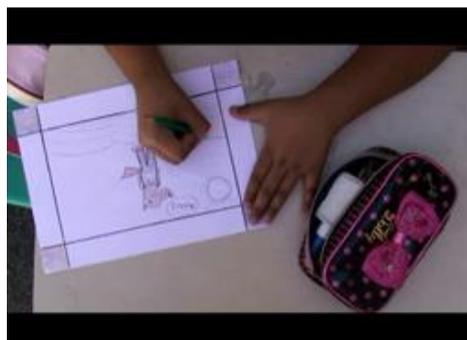
turma, dos namoros...? Experiências que a memória percorre ao se ver sentada na carteira tipicamente escolar.

*Os vazios, dirigidos para fora dos quadros, aceitam tantos [alunos] quantos espectadores lhe apareçam. Nenhum olhar é estável, ou antes, no sulco neutro do olhar que traspassa perpendicularmente, o sujeito e o objeto, o espectador e o [aluno] invertem seu papel ao infinito<sup>7</sup>.*



Aparente vazio que ao ser percebido chama o espectador a preenchê-lo com palavras de sua existência. “Vazio a partir do qual e em direção ao qual se fala<sup>8</sup>”.

Em um ímpeto infestoso o espectador-imagem narra para si mesmo a nova figura. A linguagem invade o vazio, revelando seu poder: “o de fazer nascer em si mesma sua própria imagem em um jogo de espelhos que não tem limites<sup>9</sup>”. Já não se vê imagens vazias ao lado.



...

---

<sup>7</sup> Substituímos da citação original (FOUCAULT, 1999b, p.5) a palavra “modelos” por “alunos”.

<sup>8</sup> FOUCAULT, 2009, p.44.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p.45.

## **Ritmo das vozes...**

Vozes reveladas, versadas, entornadas...

Entonações aspirantes e respirantes...

Sussurros visíveis e palpáveis...

Em gritos... pausas... sons...

Movimentos dos sons!!!!

Vozes que entopem os ouvidos...

Vozes que nos abraçam...

E nos confortam...

Vozes que nos engrandecem...

Vozes que nos entristecem...

E que nos paralisam...

Vozes díspares e singulares...

Composição de sons em partitura escolar...

Regência de maestros disformes e gigantes...

Mestres mirins mutantes...

Frequências de sons em constantes gradações

Veladas, revezadas, partilhadas, entoadas,

Maltrapilhadas...

Malditas vozes...

...

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. O que é um dispositivo. In: \_\_\_\_\_. **O mistério de Ariana**. Trad. Edmundo Cordeiro. – Lisboa: Vega - Passagens, 1996.

FOUCAULT, M. A Linguagem ao Infinito. In: \_\_\_\_\_. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. – 5.ed. – São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Isto não é um cachimbo**. Trad. Jorge Coli. Primeira edição impressa: 1973. Data de digitalização: 2004. Disponível em: <<http://anarcopunk.org/biblioteca/wp-content/uploads/2009/01/foucault-michel-isto-nao-e-um-cachimbo.pdf>> Acesso em: 21 set. 2012.

\_\_\_\_\_. Las Meninas. In: \_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. – 8.ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. Una lengua para la conversación. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 41, p. 227-40, jun. 2005. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n41/n41a12.pdf>> Acesso em: 02 set. 2012.